



A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST

Maria Alyne Alves de Souza ¹

Carlos Augusto Barros da Silva²

Geneva Helena de Menezes Santos ³

Emerson Ribeiro ⁴

Resumo: O movimento camponês surge como resultado das lutas de segmentos da população camponesa contra a expropriação e exploração exacerbada, com a implantação do modelo de modernização agropecuária apoiada pelo Estado. Esse modelo, o agronegócio, permanece até os dias atuais, tornando-se cada vez mais intenso. E o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge contrapondo-se a este modelo de produção, tendo sua gênese em 1979, com a ocupação da Fazenda Macali, em Ronda Alta no Rio Grande do Sul. Mas, foi em 1984, que o MST foi fundado oficialmente pelos trabalhadores. Assim, o Movimento (r)existe por 41 anos tendo como pauta, não somente a Reforma Agrária, mas diversas frentes de luta como saúde, educação, meio ambiente, política entre outras. Nesse viés, o Movimento surge a partir da organização dos trabalhadores e da ocupação de terras que são, até hoje, uma importante marca do MST, sendo resultado do processo histórico de resistência do campesinato brasileiro e que ao longo do tempo vai se territorializando para todo o Brasil. Nesse processo, a arte sempre esteve presente, e a música, por exemplo, já fazia parte do movimento camponês mesmo antes da existência do MST. Já existiam artistas que por meio de seu trabalho reivindicavam uma sociedade mais justa e provocavam, por meio das suas composições, o tema da Reforma agrária no nosso país. Nesse viés, os militantes e também artistas do Movimento passaram a criar suas próprias canções, sendo indispensáveis em qualquer frente de luta, sendo ela, nas ocupações, nas escolas do campo, nas cirandas infantis, nos eventos, ou em qualquer espaço em que os militantes se encontrem. Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar se a música contribui para o processo de resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a partir das canções do Movimento. Para isso, pretende-se compreender o processo histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil; identificar quais foram as raízes musicais dentro Movimento Sem Terra; e analisar como as canções estão inseridas no Movimento Sem Terra atualmente. Do ponto de vista metodológico, partimos de uma pesquisa bibliográfica, a partir do acesso a teses, dissertações e artigos, dos quais empreendemos leituras, realizamos fichamentos e resumos esquemáticos (Marconi; Lakatos, 2022). Quanto a abordagem da pesquisa, nos pautamos nos pressupostos da análise qualitativa (Flick, 2009), cuja predominância investigativa se mobiliza pelo enfoque interpretativo e analítico voltado aos sujeitos e suas representações. Para a fundamentação teórica, nos respaldamos nas contribuições de Barbosa e Correa (2023), Bogo (2000), Nonassa (2011), Caldart (2012, 2012), Fernandes (2000), entre outros. Enquanto resultados, identificamos na trajetória histórica do MST no Brasil, uma confluente relação para com a abordagem e uso das raízes musicais do/no movimento, enquanto ferramentas de animação política, aproximação e mobilização entre os militantes e, principalmente, no desenvolvimento do conhecimento crítico, sendo este último, segmentado por temáticas que focalizam a reivindicação pela conquista da Reforma Agrária Popular no país. Diante do exposto, é possível afirmar que a música contribuiu, contribui e,

1 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: mariaalinedoutorado@gmail.com

2 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: augusto.barros@urca.br

3 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: genevahelena@gmail.com

4 Universidade Regional do Cariri (URCA), e-mail: emerson.ribeiro@gmail.com



certamente, contribuirá para o processo de resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Palavras-chave: MST. Resistência. Música.

1. Introdução

O MST, é um movimento social e político que tem em sua essência a herança de diversas lutas. Dentre tantas pode-se citar a Guerra do Contestado; Canudos; as Ligas Camponesas; Caldeirão, além da importante influência do Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) (Fernandes, 2000). Sendo fruto histórico de resistência do campesinato brasileiro (Fernandes, 2000), o MST dar continuidade ao processo de luta por uma sociedade mais justa e pela conquista da Reforma Agrária no país. Ele surge no final da década de 70 (ainda durante a ditadura militar) e se consolida na década seguinte. Para Caldart (2012, p. 37), os sem-terra passam, assim, a ser sujeitos sociais se constituindo como uma coletividade que traz para si a luta garantindo sua própria existência social como trabalhadores da terra.

É a partir da ocupação que o governo é pressionado para que haja a desapropriação da terra, sendo esta destinada à reforma agrária popular. É importante salientar que a ocupação não é uma criação do MST, como afirma Caldart (2012), ela é tão antiga quanto a existência de camponeses sem-terra na história.

Assim, ao longo dos anos ocorreram diversas ocupações, assim como importantes eventos que contribuíram para formação e consolidação do MST, entre eles pode-se citar, o 1º Encontro Nacional que ocorreu no Paraná em 1984, em Cascavel, nele decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, para lutar pela terra, pela reforma agrária e por mudanças sociais no país. Em 1990, foi realizado em Brasília o 2º Congresso Nacional do MST, onde foi criado o lema “Ocupar, Resistir, Produzir”. Em 1995, também em Brasília, ocorreu 3º Congresso Nacional do MST, e nele foi definida a palavra de ordem: “Reforma Agrária, uma luta de todos”. Assim como o Movimento Sem Terra reivindicava por seus direitos, muitos artistas também reivindicavam pelas melhorias sociais a partir de sua arte, entre elas, a música, que já trazia em suas letras o grito pela reforma agrária, posteriormente o Movimento passou a criar suas próprias canções, se consolidando como importantes símbolos do Movimento.

Ao participar das Semanas Pedagógicas das Escolas do Campo do Ceará, organizadas pelo MST com parceria da Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC), observamos que as músicas, assim como a arte no geral, faziam parte da rotina do evento, então, lançamos alguns questionamentos: Qual importância da música para o Movimento? Elas servem somente para a distração e lazer dos militantes? A música também contribui com processo de resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra?

2. Objetivo

Investigar se a música contribui para o processo de resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a partir das canções do Movimento.

2.1 Objetivos específicos



- Compreender o processo histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil;
- Identificar quais foram as raízes musicais dentro Movimento Sem Terra;
- Analisar como as canções estão inseridas no Movimento Sem Terra atualmente.

3. Metodologia

A presente pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, por isso, foram realizadas leituras de livros, artigos e dissertações sobre a temática. Entende-se que, uma pesquisa bibliográfica é de suma importância para qualquer pesquisa, visto que, oferece suporte teórico para realização da mesma, no entanto, como aponta Gil (2002), também se faz necessário uma reflexão crítica acerca dos assuntos estudados.

Para a reflexão, nos debruçamos nos pressupostos da pesquisa qualitativa, cuja referência se assenta em autores como Flick (2009) e Marconi e Lakatos (2022).

Nesse sentido, foi realizado inicialmente o levantamento bibliográfico dos textos que foram estudados. Posteriormente realizou-se a leitura, o fichamento, assim como a análise dos mesmos. Nesse sentido, este trabalho foi apoiado teoricamente nos trabalhos de Bogo (2000), Nonassa (2011), Caldart (2012, 2012), Fernandes (2000), entre outros.

4. Resultado

<i>A lua foi descoberta</i>	<i>Dizem que a terra lá é boa</i>	<i>Na lua vai dar de tudo</i>
<i>Amanhã eu vou pra lá</i>	<i>Então vamos experimentar</i>	<i>Eu vou fazer plantação</i>
<i>Vou levar as ferramentas</i>	<i>Vou fazer reforma agrária</i>	<i>Vou plantar arroz e milho</i>
<i>Pra mim poder trabalhar</i>	<i>Vou ver se plantando dá</i>	<i>Café batata e feijão</i>
		<i>É lá que eu quero ver</i>
		<i>A fartura da nação.</i>

Em 1970, Moreno e Mariano gravaram a canção *O caipira foi à Lua*, criticando a concentração de terras no país, o qual na mesma década teve início processo de organização do MST e veio se consolidar na década de 80. Naquele período, era possível identificar diversas canções, especialmente do sertanejo que vinham tratando da temática Reforma Agrária, aliando-se as necessidades dos camponeses sem terra “as músicas expressam aquilo que o próprio movimento buscava desde o início: a luta pela terra, pela reforma agrária e uma sociedade mais justa e fraterna” (Bogo, 2020, p.46). Assim, como resultado dessa organização, em 1987, o MST buscou construir e consolidar os símbolos para o Movimento, entre eles a bandeira e o Hino.

*Vem teçamos a nossa liberdade
Braços fortes que rasgam o chão
Sob a sombra de nossa valentia
Desfraldemos a nossa rebeldia
E plantemos nesta terra como irmãos!*

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa força nos faz a edificar
Nossa pátria livre e forte
Construída pelo poder popular*

*Braço erguido ditemos nossa história
Sufocando com força os opressores
Hasteemos a bandeira colorida
Despertemos esta pátria adormecida
O amanhã pertence a nós trabalhadores!*

*Nossa força resgatada pela chama
Da esperança no triunfo que virá
Forjaremos desta luta com certeza
Pátria livre operária e camponesa
Nossa estrela enfim triunfará!*



Hino do MST – Ademar Bogo/Willy Corrêa, 1987

Dessa maneira, com fim do regime ditatorial, a esperança se renova no país, assim como o anseio de se fazer presente nos novos rumos políticos, como pode ser observado nas canções do *Dor e Esperança* do Padre Zezinho. No entanto, essa esperança não perdura por muito tempo, pois nesse período o Brasil estava passando por profundas transformações econômicas, políticas e sociais, havendo uma forte frente de luta dos movimentos sociais contra um projeto político e social conservador e neoliberal (Bogo, 2020, p.48). Em sua primeira década de existência o MST acompanhou diversas mudanças políticas, econômicas e sociais no país (Bosano, 2011).

Desde a Constituição de 1988 até a eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994, ocorreram as transformações nas políticas agrárias, nas tentativas de Reforma Agrária que praticamente foram paralisadas, de tal modo que o movimento também precisou se modificar. Surgiram novos questionamentos, necessidades de reformulação e aprofundamento de novas questões e pautas.

Dessa maneira, tem início um processo de análise interna, que segundo (Bogo, 2020), perpassa por questões práticas, como a questão da formação dos integrantes do movimento, a organicidade dos assentamentos e acampamentos, questões educacionais como o analfabetismo dentro das áreas ocupadas, entre outros debates. A autora coloca ainda que “foi a música que protagonizou os primeiros debates e questionamentos dentro do movimento acerca do que seria uma arte do MST” (Bogo, 2020, p. 51), talvez isso se deva pelo fato de ter sido a primeira manifestação artística do Movimento.

Nesse sentido, a criação da fita *Dor e Esperança* e das paródias musicais, se inicia o reconhecimento de uma “arte sem-terra” (Bogo, 2020) no Movimento. Sendo essa arte baseada em elementos de uma cultura campesina, que se baseia nas vivências de cada militante e também pela identificação com as músicas sertanejas. “A música sem-terra resgata todos esses elementos da música caipira, através de sua face interessada que busca aglutinar os militantes, animar os encontros, as lutas, todo esse universo de relações sociais[...]” (Bogo, 2020, p. 51).

Cabe ressaltar que estas músicas não visam apenas o entretenimento dos militantes, mas também a promoção do pensamento crítico, identificando a “figura do ser sem-terra, para além do sujeito subalterno, mas um sujeito coletivo, que pode se organizar, protestar e almejar uma vida e uma sociedade diferente” (Bogo, 2020, p.51). Na canção *Só a Luta Faz Valer* de Zé Pinto, é possível observar que se trata de uma letra que carrega a criticidade ao mesmo tempo que traz uma melodia animada.

*Quem tá cansado dê licença do caminho
Quem acredita dê as mãos e vamos embora
Pois quem tropeça no primeiro desatino
E pouca força na construção dessa história.*

***Não adianta inventar outros caminhos
Porque jamais vão conseguir nos convencer
Capitalismo nunca foi de quem trabalha
Nossos direitos só a luta faz valer***

***Capitalismo nunca foi de quem trabalha
Nossos direitos só a luta faz valer.***

*Esse evento traz presente um passado
De uma semente que deu vida ao movimento
No broto novo de Macalli e Brilhante
A Encruzilhada Natalino pôs fermento.*

*E os companheiros que tombaram no
caminho*



*Serão lembrados sempre pela estrada afora
Nossa Vingança é ocupar os latifúndios
Já preparando o dia da grande vitória.*

*Reforma agrária é uma luta de todos
Aqui de novo viemos reafirmar
Numa aliança entre o campo e a cidade
Pois a verdade amanhã triunfará.*

Assim, à medida que as pautas de luta do MST se ampliam, as canções seguem acompanhando o Movimento. Em virtude disso, compreendemos que “(...) a relevância histórica da música na resistência social ressalta sua importância como uma forma de expressão artística com capacidade de impulsionar mudanças e influenciar a consciência coletiva (Barbosa; Correa, 2023, p. 60)”. Atualmente, essas músicas ganham destaque nas ocupações nas cirandas infantis e na Educação do campo. Destarte, “o termo ‘ciranda’ é utilizado no título da fita do MST em referência à expressão cultural folclórica e também às Cirandas Infantis do MST, que eram/são um espaço destinado às crianças sem terrinhas” (Bogo, 2020, p.52). Já a Educação do Campo, compõe uma das frentes de luta do Movimento que se fortalece cada vez mais, as canções fazem parte de essência e isso fica evidente em suas canções, como é possível observar na canção *Construtores do Futuro* de Gilvan Santos.

*Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida com a gente
Querida e organizada
E conduzida coletivamente.
Eu quero uma escola do campo
Que não enxerga apenas equações
Que tenha como chave mestra
O trabalho e os mutirões.*

***Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros***

***Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro. (bis).***

*Eu quero uma escola do campo
Onde o saber não seja limitado
Que a gente possa ver o todo
E possa compreender os lados.
Eu quero uma escola do campo
Onde esteja o símbolo da nossa semente
Que seja como a nossa casa
Que não seja como a casa alheia.*

Dessa maneira, o MST carrega em sua trajetória diversos símbolos de sua resistência, a música é um deles. Nelas se encontram esperança, indignação, força, amor, vida, morte, dentre tantas histórias que constituem o Movimento. Assim, com o intuito de manter a luta animada e consciente, estas canções constituem as rotinas das ocupações, assim como das cirandas infantis, nas escolas do campo e onde quer que os militantes se reúnam.

5. Conclusão

Nesse sentido, foi possível percorrer de maneira sucinta a trajetória histórica do MST no Brasil, identificando as raízes musicais do movimento sendo possível analisar que, de modo geral essas canções tem como intuito, a animação da luta, a aproximação entre os militantes, o desenvolvimento e mediação de conhecimentos críticos sobre as problemáticas políticas, sociais, entre outros, tendo como foco a reivindicação pela conquista da Reforma Agrária Popular no país. Assim, é possível afirmar que a música



contribuiu, contribui e certamente permanecerá contribuindo para o processo de resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no país.

6. Referências

BARBOSA JUNIOR, Elenisio Rodrigues. CORREA, Thiago Pessanha. **Melodias de resistência: a música como voz e força transformadora no Brasil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 08, Ed. 12, Vol. 04, pp. 5472. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/arte/melodias-de-resistencia> . Acesso em: 01/05/2025

BOGO, Tainan Cristina de Araujo. **Canções da terra: A produção musical do mst como instrumento de luta social**. PORTO SEGURO, 2020.

BONASSA, J. *Caminos y descaminhos em la construcción de una praxis cultural emancipadora: un registro crítico Del desarrollo Del Colectivo Nacional de Cultura Del Movimiento Sin Tierra de Brasil de 1996 – 2006*. Monografía (Graduação) - Facultad de Humanidades. Santiago de Cuba, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo**. Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Editora Vozes, 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2022.